



Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO



Propriedade da Direcção / Editor: João da Cruz Rosa. / Impressão: Tipografia Castelovidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Praça da República, N.º 2 — NISA

A FESTA DO MARTIR E O CARNAVAL

Se o Entrudo é o intróito da Quaresma, o intróito do Carnaval em Nisa fixou-se, desde tempos imemoriais, em 20 de Janeiro, dia em que se festeja o glorioso Mártir S. Sebastião. Talvez porque, no glacial conforto que se evola dos invernos hibernais, a festa do Mártir é como que um parêntese de alegria ou um prenúncio das graças primaveris, tão delectadas e ainda tão distantes. O facto é que, a partir desse dia, a mocidade nicense, saturada de hipochondria, espantou-se e, certa de cuidados e sem preocupações pelo dia de amanhã, olhe os repiques anunciados da festividade do Mártir com o dealbar apetecido das folias carnavalescas. Nos tempos em que os arautos se faziam no largo onde encontra a capelinha do heróico soldado de Cristo supellido pela intransigência de

Diocleciano, a festa assumia proporções esplendorosas, com avultados réditos, sobretudo nos anos de epidemias ou outras calamidades. O horror da variola obrigava as mães a generosa oferta, em dinheiro ou ramos (fogachas), todas rivalizando em proclamar as boas graças do taumaturgo ou agradecer-lhe seu patrocínio com exundiosos galináceos, nédios borregos, grandes travessas de arroz doce, perfumados pudins e outras apetitosas guloseimas, não faltando nunca as amplas bandejas com as melhores peças do fumeiro ou o melhor vinho da adega. V u l g a r era também pesarem-se nesse dia os pimpolhos indemnes da *bexigada*, para ofertar ao Santo Igual peso de trigo, por garridas moças conduzido em reluzentes baclas de cobre.

A' meia tarde, quando a fl-larmónica da terra se dirigia para os ramos, era interessantíssimo ver desfilar, pelas ruas convergentes ao largo da festa, dezenas e dezenas de bebês, com suas melhores galas, com outros tantos ex-votos que as mães, vestidas com a esbelteza do antigo traço regional, levavam nos braços até junto do andor do Mártir Santo, em sinal de gratidão por lhes ter mantido, são e escoreito, o mimoso e lindo fruto das suas entranhas.

Dentro em pouco, todo o recinto, em que a vibração metálica da fanfarras e o estralejar dos foguetes sobressalam na sussurrante e jubilosa vozearia da massa popular, mal permitindo ouvir os lanços que sucessivamente iam valorizando as ofertas leiloadas; dentro em pouco, o acolhedor largo do Mártir era um polierómio ramalhete em que, sobre a tonalidade variegada de lindíssimos chailles, se destacavam, risinhos e gracilimos, os botões aveludados das róseas faces dos bambalnos.

Era uma viva e encantadora *corbeille* de graça e inocência a rebrilhar na meiguice dos olhos, a fremir nas mãozinhas que se agitavam irrequietas e a ecoar por toda a parte em incipientes articulações de riso ou em rasgadas notas de rabujenta compleição.

Junto à capela rodopiavam incessantemente inúmeros pares, ora no ritmo marcial dum

Conclue na página 2

Cap. Tércio da Silva

Depois de ter passado entre nós as férias do Natal, com a Ex.^{ma} esposa e Filhos, partiu para as Ilhas Adjacentes o Sr. Capitão Edmundo Tércio da Silva, brioso Oficial do Exército. Desejamos-lhe boa viagem e que em breve volte ao nosso convívio.

NASCIMENTO

Felicitamos o nosso presado assinante, Sr. João da Cruz Carrita Temudo e Sua Esposa, pelo nascimento, no dia 3 do corrente, duma interessante criança do sexo feminino.

A pais e filha agouramos, sinceramente, as maiores prosperidades.

O Bairro Operário em Nisa

A Solução

Há em Nisa, muito vulgarizado, um tipo de casas modestas que parece satisfazer fundamentalmente às necessidades dos operários agrícolas.

Esse ou outro tipo similar e mais favorecido esteticamente, não deve, no seu custo total, ultrapassar muito a importância 10.000\$00, mórmente se alguns grupos de moradias ficarem de paredes meias, relativamente às empenas.

Ora o Estado só de per si dá, para a construção de cada uma das casas de bairros sociais, aquela importância.

Só o que fôr além disso tem de ser abonado pelo corpo, corporação administrativa, organismo corporativo, que meter ombros ao empreendimento, mediante empréstimo que é fácil de obter com reduzísimos encargos.

Tal empréstimo tem a sua natural garantia na hipoteca das próprias casas em que foi aplicado.

A renda anual de cada moradia será computada só em função da importância gasta a mais dos 10.000\$00 que o Estado dá de mão bijada, acrescida do respectivo encargo de juros.

Fixa-se assim uma anuidade que vai amortizando o capital emprestado e seus encargos, de forma que, ao fim de certo número de anos, o operário ou os seus herdeiros ficam com a plena propriedade da

Conclue na pag. 2

Gazetilha

Oh! Senhores assinantes, attem nesta lamúria, a que nos leva a penúria de faltas bem cruciantes — tão contrários a descantes: Cá não há, nesta «mansão», nem mesa, nem cadeirão! Por isso, triste, em homilia, peço uma pobre mobilia, cá p'ra nossa Redacção.

SUMATRA DE LEMOS

Bem-querer

Pelo Professor Serafim Gonçalves

O sol, moribundo, prestes a amar o derradeiro raio de sumia-se lentamente por trás das montanhas. O crepúsculo alongava o seu manto azul e a escuridão crecia sobre a terra fazendo realçar o brilho das constela-

ções. Ela estava ausente, e por não havia a claridade da tarde formosa, a terra pontava evidência a alvura das montanhas, que com bem com as beirãs.

Na hora vespertina em que se iam as suas casas os moradores rurais vindos a longa distância, anadados por descansarem esentados e a família acompanhados e dos filhos e, em simples, falarem das coisas e dos trabalhos realizados durante o dia.

Os muitos trabalhadores, naturalmente para os bons da família, para aqueles que vivem no seu lar, para os que se vão e herdeiros de uma casa e em conformidade com os seus ascendentes, a regresso é uma hora em que todos se compreendem e os pais sabem incutir nos filhos a harmonia, o respeito e a doçura; e a dona da casa completa a alegria no seu lar, também para esse alma Jado a sua quota parte no bem-estar, na ordem e no bem-estar que lhe vai dando por todos se amarem e se respeitarem.

O bem-querer existe em todos os corações bons e mesmo

bem-querer! Ditosos pais e ditosos filhos que reconhecem a existência de um sentimento nobre—Amar—que os faz carinhosos, os enaltecem e os transformam em dignos homens, esposos, pais, filhos, irmãos! E' destes homens nobres de espírito e de sentimentos que ressurgem os heróicos a perpetuar o nome daqueles que lhes deram a vida, modelaram o carácter e os lançaram no caminho de bem proceder, elevando-os, insensivelmente, para um plano de categoria nunca atingido se não para a boa orientação moral ministrada por homens merecedores do nome de pai.

São estas famílias sãs de pensamentos e de obras que concorrem para o bem-estar dos seus lares e da Pátria; são elas os exemplos fortes a colaborar no engrandecimento de um povo que só pode viver condignamente se todos quiserem ver um espelho fiel, fabricado do melhor aço, para que as imagens sejam perfeitas e não defeituosas; são elas o bem-querer vivo real, a dar beleza de carácter a todos aqueles que queiram seguir as suas pegadas e entrar, assim, na lista das pessoas de bem. Estas elevam-se pelo seu comportamento, e quão grande e prestigiosa não seria a Nação que tivesse na maioria dos seus cidadãos homens morais e civelmente disciplinados, sabendo respeitar e obedecer, aptos a enfileirar ao lado de uns e de outros, sem pejo, sem acanhamento e isentos de afeições más.

O bem-querer existe em todos os corações bons e mesmo

Na rota da Nacionalidade

alocução feita ao núcleo da M. P. do Colégio Condestável pelo Engenheiro Perez Durão



Rapazes da Mocidade Portuguesa!

As palavras que ides ouvir são deusas para um livro que não saberei escrever; são mesmo páginas dum livro inacabado que já não terei tempo de escrever.

São para vós; e se houver alguém que as colha, será prêmio de merecimento para a pouquidade do meu saber.

Da projecção no tempo e no espaço das figuras que saíram dos moldes da vulgaridade e foram, por obras e feitos, altos pensamentos ou realizações,

nos maus, mas nestas tornar-se-ia necessário fazê-lo brotar por meio de exemplos vívidos para que não fossem utopia os actos que observassem.

fôrças directivas e vontades marcantes, resalta o contraste real havido sempre entre o seu carácter, diremos melhor, entre a sua sensibilidade, o seu génio, o seu gosto e modo de viver, e o mais comum, por geral tipo que personaliza aquilo a que é uso chamar as características da raça.

Claro, por tal, precisamente se destacam e formam excepção e esse contraste é complemento das aptidões ou predeterminações que os distanciam da vulgaridade e os impõem às massas de que são, quando no campo da acção directa, a geratriz de energia impulsional dos grandes cometimentos.

Sem procurarmos estudar as leis que regem as grandes massas sociais, um fenómeno fere a nossa atenção e sempre temos

viado confirmado. É o de que essa massa, constituída por milhões de homens, recebe força e energia directiva duma elite e, muitas vezes, de um só homem, se ele—ou essa elite—é portador de uma ideia que é, sim, a verdadeira fonte de energia capaz de levar a uma função criadora que se assinalará através dos tempos de modo indelével.

É essa ideia o ponto concreto da origem da acção, porque essa ideia é vulto que se avoluma na cerebração desses milhões de homens e lhes imprime a rota procurada da energia resultante.

Se essa ideia não tem em si a força imane que se consubstancia na energia condutora das massas sociais, essa ideia não é viva, é, quando muito, Continua na pag. 2

ANTOLOGIA

Estela e Nize

por ALVARENGA PEIXOTO

Eu vi a linda Estela, e namorado
fiz logo eterno voto de querê-la;
mas vi depois a Nize e achei-a tão bela,
que merece igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se neste estado
não posso distinguir Nize de estela?
Se Nize vir aqui, morro por ela;
se Estela agora vir, fico abraçado.

Mas, ai! que aquela me despreza amante,
pois sabe que estou preso em outros braços,
e esta não me quer por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me destes laços;
ou faz, de dois semblantes um semblante,
ou divide o meu peito em dois pedaços!

A Festa do Mártir e o Carnaval

(conclusão)

paso dobrado ou na cadência da langorosa valsa ou vaporosa polca, ou gargantear de moça afamada nas modas da época. E então era certo que a primeira ária a sair dos lábios da primadona era invariavelmente a tradicional:

Aldeia de Vendas Novas,
De Vendas Novas aldeia,
É uma praça fechada
Onde o meu amor passeia.

Onde o meu amor passela,
Onde a flor-da-murta assiste;
Diz-me amor como passaste
Os dias que me não viste.

Era o Carnaval que, naquela voz argentina, dava ingresso no burgo. Daí por diante, até terça-feira de Entrudo, não havia baile ou *soirée* que não se iniciasse por aquela *ouverture*...

Não há nisenense algum, de mais de quarenta anos, que, ao ler esta singela evocação, não recorde com saudade, se estiver longe da terra-mãe, os bailes carnavalescos da sua mocidade, noites de ruidosa folia em que a célebre *Aldeia de Vendas Novas* era o persistente e característico *refrain* que, volta e meia, animava a dança, dinamizando os próprios velhos e fazendo até azougar as *mulheres do maracoto*...

Hoje ainda assim é. Esta persistência ou, melhor esta resistência da velha cantiga ao domínio das canções contemporâneas do Jazz é muito do meu agrado, pelo inveterado culto que me merece tudo o que é tradicional.

Oxalá que, com a *Aldeia de Vendas Novas* se mantivesse a indumentária que outrora impunha as minhas patricias ao incondicional aprço de tódas as pessoas de bom gosto.

Mas não! As lindas saias e *roupinhas* de Nisa são já hoje raridades. E, com franqueza, uma rapariga de Nisa, com uma inestética blusa e uma exigua e pretensiosa saia, a cantar a *Aldeia de Vendas Novas*, é, para não dizer outra coisa, um lamentável e detestável anacronismo...

Que ao menos, nas noites de Carnaval, as donzelas da *Côrte das Arcias* procurassem reconstituir os bailes de outros tempos usando os trajes tradicionais: a rubra saia de linda faixa, o característico lenço do *pescoço* e, sobre ele a reluzir, a aurea riqueza dos seus cordões, grillhões e gargantilhas...

Isto sim que era lindo! E único em todo o país!...

E era assim que nós, os

velhos, os que ainda recordamos, com enternecida saudade, as noites de arraial em que se queimavam, no pequeno largo do Mártir, as grandes peças de efeito, concebidas e executadas pelos afamados pirótecnicos João Leitão e Filhos e Braz Rufino, e assistíamos, extasiados, à ascensão dos lindíssimos balões que a escridão das noites invernosas tornava mais deslumbrantes; e, assim, em plena revivescência do que Nisa tinha de melhor na beleza do trajar e na riqueza e originalidade folclóricas, que seria de maior encanto ouvir, nos bailes de Carnaval, as lindas nisenenses a cantarem, como suas mães e avós, a tradicional *Aldeia de Vendas Novas*...

J. FIGUEIREDO

Na rota da Nacionalidade

(Continuação da 1.ª página)

estática, e realiza aquilo a que Vicente Gay, de Valladolid, neste seu interessante conceito, chama «luz morta»: «A ideia sem energia é uma luz morta que se projecta no vácuo; a ideia associada ao espírito combativo é luz e calor que criam o movimento».

Essa ideia se é, digamos, síntese de aspirações, ainda que mal entrevistadas ou defendidas, desejos já manifestados ou ingênita predestinação de uma raça, entra em marcha, sugestiva, é acção; se a causa se identifica com o efeito, se são da mesma natureza, pode atingir a máxima eficiência: torna-se aspiração colectiva, vontade de um povo, destino de uma raça.

Neste nosso pensamento não vemos as massas sociais, os povos, com aquela frieza que levou Renan a dizer que «as massas, isto é, a quasi totalidade da espécie humana, são o terreno necessário para fazer viver e prosperar um punhado de pensadores», mas como irmãs contadas por milhões que preciso é conduzir, orientar para fins nobres e de interesse comum: ideia da Pátria e seus destinos, no campo político; equidade no mínimo indispensável à vida, no campo social; melhoria constante dos sentimentos de são humanitarismo

e de justiça, no campo moral; ideal religioso alevantado, no campo espiritual.

Pão do corpo e pão do espírito—vida material e vida espiritual—se da mesma mão recebida terá, por natural equilíbrio, maior e mais real efeito.

Não é pela palavra, que em breve será retórica—só a palavra de Deus é criadora — que um homem condutor de povos, portador de uma ideia viva que se identifique com as aspirações das massas, lhes busque e explique hesitantes desejos, ou lhes mostre imortais destinos, se impõe, é pelo exemplo na acção, pelo exemplo em todos os actos da sua vida, pelo culto da verdade em tudo e por tudo, de modo que essa excelência de virtudes—podemos chamar-lhe assim—é força mais alta que a própria ideia, que o próprio pensamento, e a tão larga experiência que tem desta verdade leva a estranha figura que é Gandhi—o da Índia quasi emancipada—a afirmar que «estas experiências são muito profundas que o próprio pensamento, e se queréis que outrém as receba não levanteis por meio um barreira intelectual».

Podé a palavra ser sedutora maravilhosa de ritmo, inebriante, mas se a obra não corresponder, o exemplo a desmentir ou mesmo a não fortalecer, pas-

moradia.

A anuidade não sera muito maior do que a renda que actualmente se paga por cada casa do tipo em referência.

Os rapazes que, atingida a maioridade, constituem familia pelo casamento, em vez de aplicarem à compra duma morada de casas o dinheiro obtido pela venda da parte supérflua do seu bragal, podem applicá-lo antes na aquisição dum bocado de terra, uma courela, um báculo onde empreguem a actividade do seu braço nas ocasiões em que haja falta de trabalho.

A casa obtê-la-hão pelo pagamento duma anuidade que o seu pequeno orçamento familiar comporte..

Assim, o beneficio é duplo — sob o ponto de vista individual e sob o ponto de vista social.

Efectivamente, o operário no principio da sua vida colhe dois beneficios: — consegue alojamento para a nova familia sob uma forma de propriedade imperfeita (permita-se a expressão) que para se tornar plena e absoluta basta o decurso dum certo número de anos sem falta de pagamento das anuidades-rendas, e por outro lado, além de conjurar os perigos do *chomage*, torna-se, pela compra da courela ou do báculo, desde logo pequeno proprietário com tódas as vantagens morais e sociais que o sentimento da propriedade, complemento lógico e necessário do *sentimen-*

to da familia, gera e fortalece no homem, disciplinando-o economicamente e valorizando-o moral e socialmente.

Pelo que respeita à sociedade, é de acentuar que uma familia com o seu chefe disciplinado e valorizado nos seus sentimentos morais e sociais, é uma célula viva, produtiva e fecunda, é uma força positiva, colaborante e construtiva no sistema de forças que constituem a complexa mecânica social é uma forte barreira que se opõe naturalmente à acção perturbadora dos elementos dissolventes que cavam a ruina do agregado.

A fundação dum bairro operário em Nisa permitirá a transformação futura da parte da vila medieval.

Um inquérito feito com cuidado daria a conhecer o número de casas que não reúnem as necessárias condições de alojamento e o numero de familias que vivem em condenável promiscuidade, isto tanto *intra*, como *extra-muros*.

Assim se determinaria o número mínimo de moradias a construir de inicio no bairro operário, elaborando-se os planos atinentes à solução prática do problema.

Uma vez obtida a deslocação, para o novobairro, das familias que vivem em miserios pardieiros na parte da vila antiga, tornava-se praticável a transformação e saneamento desta pela expropriação justa e remunerada, e consequente alargamento das ruas e formação de largos.

As despesas da expropriação seriam cobertas com o produto da venda de terreno para novas construções ou melhoria das que ficassem, depois de delinçados os novos arruamentos.

Os casebres velhos e insalubres, que constituem uma nota desagradável na estética do

será rápida porque é vacuidade perfeita e em si não tem o cunho forte e indestrutível da verdade que há de ser exemplo que há-de ser norma, que será fundo imatável da vida de quem ao mundo foi dado para do mundo ser condutor. ser fonte de energias impulsadoras, ser exemplo, pois se a fé sem obras não é fé, também a palavra que quer ser acção, sem exemplo, indicutível, nada é além de retórica, além de vácuo.

Nun'Alvares, simbolo vivo e forte de uma ideia — Pátria livre e unida—tirou da fé imensa que o iluminava e do altíssimo exemplo da sua vida, tódá para Deus, tódá para Portugal, o segredo espantoso da sua vitória inesquecível— Aljubarrota.

Consolidou assim a obra da criação da Pátria, a obra de Afonso Henriques, de Sancho, de Afonso III, de Diniz — o Lavrador, que Fernando — o Formoso—, a-pesar de muitas e sábias medidas, deixou em perigo de perder-se, por acasos de politica e prejuizos dináticos—

O Bairro Operário em Nisa

(Conclusão)

Dr. Rasquilho de Barros

O nosso estimado amigo José Rasquilho de Barros ba de instalar no Largo António José de Almeida, rés do chão, o seu escritório de advocacia e procuradoria, tiva de uma utilidade apvel e que nesta Vila há faltava.

Assim apresentamos Dr. Rasquilho de Barros e os parabens pela ideia publica que só pelo beneficio público, não só de Nisa, dos arredores. E largos peridades, compensando sua probidade e dos seus tos, lhe desejamos.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO CENSOR DO DISTRITO

local e um perigo para a pública, desapareceriam dar lugar a prédios de moderna em que se reunem higiénico ao útil e ao vel.

Obra para gigantes? —Não. Simplesmente para homens de boa-vontade com capacidade de realizar obra cuja necessidade os cegos não podem ver, os fracos não podem fazer.

Lembremo-nos de que neamento dalgumas partes medieval da vila, construção de canos de não é praticável pela consideração de que a obra de canalização, seus complementos, a uma importância por superior ao valor global sario.

E é justo, é humano, as classes pobres, é com té para a saúde pública, var tais arruamentos no miserando em que se tram?

Se a creche nisenense dentro em pouco tempo se me afigura, mais do que possibilidade, uma verdadeira realização, porque não ser a obra do bairro operário?

Porque não hão-de os nismos locais colaborar Estado numa obra de tanta importância?

DIAS LO

legitimos na sua época, em crise que quasi pode por providencial, por fulcro da epopeia que o mundo e ter feito florir re vigorosa do Mestre que só veio a esmorecer os volvidos, ainda em cos épicos—sinais de vitimorrodoira!

—por uma apatia colectiva, uma destas doenças de nações são susceptíveis os homens, depois de um go sobrehumano e de um profundo e acurbrunhad.

O gigante abatido e cer-Quibii—não ferido tel | ganhou novas energias, provação do governo inteligente dos Filipinos, nha — péssimos continha de Carlos V, o homem de império europeu— para gir em 1640, passado da História, e manter dezenas de anos, luta as suas fronteiras da expulsar das mais jóias dos domínios de Portugal os inimigos

(Conclui na página)

Anúncios—1500 cada linha, segundo o linômetro de corpo B. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—\$50. Números atrasados: \$100. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Lisboa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26\$00 continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portos. Não se restituem grânulos quer sejam ou não blicos. — Toda a colaboração para o jornal é solicitada.

NA ROTA DA NACIONALIDADE

CONCLUSÃO DA 2.ª PÁGINA

nossa fraqueza tiraram força que antes não houveram para dar mundos novos ao mundo e abrir uma Nova Idade e levar as mais recuadas partidas do orbe a civilização latina e católica, numa rota de luz tão viva que ainda brilha e não se apagará na eternidade dos séculos porque teve origem na verdade de Deus, na palavra do Evangelho e lhe foi símbolo e guia a Cruz de Cristo.

Das vaidades do mundo não quis parte Nun'Alvares; e dos bens da terra, se os houve às mãos e fez força para os ter—e João das Regras não o soube compreender!... foi para logo os dar a este e a quele e criar assim, em derredor do Rei, a necessária força em homens de armas, em homens de guerra, em vassallos dedicados, em casas e famílias poderosas, como por exemplo a de Bragança que, nunca o esqueceremos, foi motivo e esteio da nossa independência, em nova crise da nacionalidade.

Tudo lançou de si: — vaidades e bens do mundo!

O seu ascetismo foi sublime exemplo de abnegação e inegalável desprendimento do mundo, voltado para Deus, depois de à Pátria ter dado o melhor do seu esforço, o melhor da sua vida, e criar para todo o sempre a certeza de que Portugal era, após as vicissitudes inevitáveis do período de gestação que foi toda a primeira dinastia, uma realidade histórica caracterizada e de que já não era possível duvidar e ter em menos conta.

Vai, já na velhice, deposto por momentos o rosário e despido o hábito, como o seu Rei e a Inclita geração de Altos Infantes, a Ceuta, ao Algarve de Além, para que se tire por lição que fundado Portugal, aqui não devia ficar e continuar.

Ainda o exemplo, como antes e sempre, para conduzir os homens e calar os inimigos internos—também os tinha, porque é casta maldita!—que procuravam embaciar, se não inutilizar, a obra que em Ceuta se abria ao génio da Raça.

Henrique—O do Mar—o iluminado de Sagres, impressiona pela rigidez, que se atreveram a classificar de desumana, do seu carácter, da sua vontade, do seu misticismo, da sua fé, do seu sonhar de visionário que era certeza do Além, pela força persuasiva dos seus exemplos.

É sempre a vida de exemplo a vida de sacrifício por uma ideia sublime, por um alto pensamento, por uma grande profunda concepção que arrosta até a obstinação dos homens a quem não tocara a centelha do inspirado, mas que crêm, por fim, tal é a força arrebatadora da sua fé, da sua vida exemplar.

Calca em si todas as humanas vaidades; esconde dos olhos do mundo os sentimentos mais íntimos; deavia, conscientemente, as fraquezas do coração; mantém a pureza do corpo para maior sublimidade da alma,

na fé imensa em Deus e nos seus designios; tira do exemplo da sua vida austeríssima, aquela força de persuasão necessária para levar os homens que povoariam as caravelas a arrotar os perigos, as privações, os temores que os largos oceanos encerravam, a abrir os mares e os continentes aos povos, a criar ou conquistar mundos novos e, finalmente, dar aos portugueses o seu destino de nação universal.

Se, quando morre, ainda tamo no golfo da Guiné, pois Pero de Sintra atingiria um ano depois a foz do Rio Grande—e dizer ainda não seja tido por insensatez nossa; se esta é ainda a obra portentosa de esforço, de fé, e epopeia maior que nenhuma outra, a de vencer a golpes de perseverança, de tenacidade, de estudo consciente, a inércia natural e os terrores legitimados por mil e mil contares acumulados pelos séculos! — e se ainda mal começara o ciclo glorioso, a semente ficara, e tão pujante, que nos levou irresistivelmente a toda a parte, para o Oriente para o Ocidente num impeto que vence todas as resistências e se impõe a todas as vontades.

Quando o Gama toca a Índia ou Cabral toma posse efectiva do já conhecido Brasil — fizera-se silêncio propositado sobre a descoberta? — e os portugueses vão aos extremos confins da Terra, é a alma do Infante, é a sua imensa fé na Cruz de Cristo que orna os panos das caravelas, é ainda o seu alto exemplo que guia os homens e dá aos corações o desejo de vencer, a ansia de infinito que não esmorece ou decet entre

«...perigos e guerras esforçados. Mais do que permitiu a força humana».

Das vaidades do mundo não quis parte. Deixa risos, alegrias e folganças da corte e corre a encerrar-se no Sacro Promontório — vida ascética, vida de estudo, para Deus e Portugal.

Dos bens da terra toma parte que lhe é devida do mestrado da Ordem de Cristo; das conquistas e descobertas arrecada valores para prover a manutenção dos que atira mundo fora e para construir as caravelas que embora frágeis, venceram o mistério dos oceanos e nos deram o senhorio e o conhecimento

«De Africa as terras e do Oriente os mares», e encheram o orbe com as virtudes, o alto saber e a sã política, de que são extraordinária fama

«.....as memórias gloriosas Daqueles Reis que foram dilatando A fé, e o Império, e as terras viciosas De Africa e de Asia andaram devastando», como nos canta o Épico.

¿Desumano o Infante D. Henrique porque, para mais a-

levantados designios, recalea em si humanas fraquezas?

¿Que sabemos nós, miseráveis criaturas a que o pavor de uma dor física ou moral, um afecto por vezes ligeiro, nos inclinam a transigências que, em tranquilidade de espírito, teriamos por reprováveis?

¿Qual de vós se exceptua—que não eu!—para que o tenha como tal?

Porque a Pátria, na sua visão de iluminado, toma maior valor que a vida, embora amantíssima, de um irmão—Fernando, o Infante Santo e Mártir—e a dor não verga a sua vontade hercúlea ¿e Henrique desumano?

Assim o não julgavam os que dele houveram conhecimento, por trato e obras, em época do seu viver.

Se Azurara na «Crónica do descobrimento e conquista da Guiné» diz: «Nunca em elle foy conhecido hodeo; nem maa voûtade contra algua pessoa... Muyto pequena parte de sua ydade beber vinho...» mas depois em toda a sua vida foy delle privado... Era muyto obediente a todolo maddados da santa Igreja... Coasy amecidade do anno passava com jejuã...», mais valioso ainda o depoimento esculpido no mausoléu de D. Frei Gonçalo de Sousa, comendador-mór de Cristo, vedor da casa e fazenda do Infante, seu chanceler e Alferes-Mór, com a data de 1469. Aí se diz das suas virtudes e modo de viver.

Ornado de grandes qualidades morais é que foi Henrique—O do Mar—, grandes e excelentes, para exemplo da vontade e do génio para conduzir os homens e dar à Pátria o sentido da Lusitanidade que—na palavra inspirada de Hipólito Raposo—é «roteiro do mundo, esplendor heróico, evangelho de gentios, batismo de estrélas»!

Tão arrebatadores exemplos de virtude, de fé, de energia perduraram por séculos e vicejaram nos constentores do Império, naqueles

«..... que por obras valorosas Se vão da lei da Morte libertando», até que o cansaço e a desdita turvam em curtas décadas o brilho e honra da Lusitanidade.

Mas, depois, sentimos sempre que alguma coisa falta, apesar de tudo, aos homens que por seus feitos e designios, a História inscreve como os melhores ou como símbolos de aspirações colectivas, de vontades ousadas, de directrizes variadas imprimidas à rota da nacionalidade, de reacções necessárias. São os heróicos conjurados da Restauração com o duque D. João, da casa de Bragança; e segue-se Castelo Melhor e logo Pombal e Martinho de Melo; são os portugueses das Guerras Peninsulares; são os de 1820 e logo D. Miguel que os erros e os acasos fazem vencido por

seu irmão D. Pedro; é Costa Cabral; e o tempo decorre e vem Fontes procurando quebrar o marasmo; são os pioneiros de Africa do último quartel do século passando em que há consciência lusitana... mas o esforço leva jeito de perder-se e a História nos aponta D. Carlos I com João Franco num efêmero arranque de vontade construtiva, são depois os teóricos de 1910, e chegamos aos homens das lutas mesquinhas que vão de 1919 a 1926 que com o seu desvaio, a eclerama a marcha de contra-revolução que prevê o advento de uma nova ressurreição cujas raízes iriam; redemptoramente, mergulhar no passado amassado em sangue e suor de gerações e gerações que caíram sempre para criar e manter uma Pátria dignificada e a-flor com o fulgor da Lusitanidade.

Rapazes! Isto vos digo do passado recente é a verdade! E como «o passado—como afirmou quem quer que fosse— não é política, quanto muito é História», aqui o relato.

No espírito dessa contra-revolução sente-se, ainda que hesitantemente, a anunciação de Alguém que por si só seria portador das virtudes que faltavam de há muito e não vemos inteiras na vida de cada um dos que vieram fazendo a História deste País desviado do trilho natural em 1580, retomado em 1640, com pouca segurança, é certo, mas retomado, mas que com Pombal e o seu racionalismo sofre novo desvio e que Mousinho da Silveira, Aguiar e outros perturbam profundamente depois, desnacionalizando-o, impondo-lhe normas fundamentalmente inadapáveis.

Esse alguém foi Salazar!

Em todos os que nomeamos e nos que deixamos na sombra houve muito das fraquezas humanas para que da sua vida se tirasse exemplo imprescindível para a vitória incontestável.

Quer por defeitos—e até por qualidades—assemelhavam-se demasiadamente ao comum das gentes e nunca, sem alardes de grandezas ou declamatórias palavras, nunca foram simplesmente aquilo que lhes daria o segredo da vitória, nunca foram exemplo vivo pela sua vida votada em tudo e por tudo ao culto da ideia impulsional, da ideia geratriz dos grandes movimentos, das grandes realizações.

Nunca tiveram duma vida anstera, sem artifício, ascética naturalmente, de fé acentuada e consciente, a força dominadora.

Salazar marca, exuberante, contraste com o comum dos portugueses, mantendo, no entanto, as altas virtudes da Raça.

Nessa diferença fundamental vemos a razão da sua força e o respeito que todos — até os

seus inimigos! — sentem quem em todos os actos de vida é exemplo sem mácula.

E tão característica é a personalidade no panorama do mundo actual, e tão indelével que há anos Léon Carius afirmava: «é o único grande chefe moderno não começou a sua carreira política pela prisão, cuja não cresceu no fragor dos «tins». Mais disse ainda, «tífica e perfeito conhecimento da verdade: «Pelas suas des próprias, e também go das circunstâncias, representa no Mundo a espiritualidade e a integridade puras, impondo prestígio à força brutal tória».

De humildes vindo, naturalmente se manteve vaidades do mundo, na parte.

O que para uns seria uma e acanhamento é o motivo de orgulho de, para Salazar mais a vontade de Deus e natural por sucedida.

Basta tê-lo escutado e nós o ouvimos então aquela expressão tão não mente, estas palavras de um carácter, a prova do seu penho filho de uma família bre, nascido numa da serra. Os meus ainda lá andam, no comércio e na lei eu que os estimo, para lhes mudar a que entendo que se adaptaram a ela e puziz e viver tal trabalho — com o entusiasmo e a mesma

Ontem a estudar ensinar aos outros e prendera para ganhar pudessem ser mais os seus estudos; de ttedra de Coimbra, de mo com simplicidade «os que fizeram a 23 de Maio o trouxe Lisboa»; agora na País, se diferença ha cente sacrificio da saúde, porque a tradi de consciência; a m futuro da Pátria, o culto da verdade em tudo, mantens a ena pureza que são uma vida de austeridade de garacter, de ideias.

E deste espelho desta vida sem m a força—como em res e em Henrique, impulsionalora de comecimentos, que tade, guia e norte des e tem levado a denção.

Portugal volta-tão esquecidas— Lusitanidade.

Transferido

Transferido de colocado na Secre de Castelo de Vid. crivão de direito, Ramos.